

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.

O Trabalho no Século XXI.

Mudanças, impactos e perspectivas.

**GT 11 - Empresas, Empresarios, Modelos Productivos y Trabajo**

**Inovação e projeto educacional da Confederação Nacional da Indústria (CNI): uma análise crítica**

Rafael Gomes Cavalcante<sup>1</sup>

Alessandro de Melo<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Pedagogo, formado pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).  
E-mail: rafaelgomescavalcante@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UFPR. Professor do Departamento de Pedagogia da UNICENTRO. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICENTRO e da UFPR.  
E-mail: alessandrodemelo2006@hotmail.com

**Título: Inovação e projeto educacional da Confederação Nacional da Indústria (CNI): uma análise crítica**

**Resumo:**

Trata-se de uma pesquisa teórica cujo objetivo é analisar os fundamentos da relação entre a inovação tecnológica e o papel da educação na formação dos trabalhadores. Busca-se identificar como o capital articula inovação, produtividade e projeto educacional no processo de reestruturação produtiva. A fase atual do capitalismo, caracterizada pela acumulação flexível, tem um dos seus fundamentos estruturais na intensificação acentuada de inovação. O aumento da capacidade de inovação possibilita para a empresa e para o país, segundo o empresariado industrial, a condição de competitividade no mercado internacional, por proporcionar entre outros fatores, um salto de produtividade. Assim, pretende-se compreender como esta vinculação entre educação e capital se dá neste contexto dos novos paradigmas produtivos, que tem na inovação constante o seu principal pilar de sustentação.

A educação, segundo aponta os documentos da Confederação Nacional da indústria (CNI) tem um papel fundamental no desenvolvimento econômico/social do país. Isto porque, nesta nova fase de organização do processo produtivo, mediada por transformações nas bases técnicas, e da necessidade constante de inovar, resultaram, segunda a CNI, novas demandas educativas.

Este texto se propõe a analisar essas transformações e os fundamentos da relação da inovação tecnológica com o papel da educação na formação dos trabalhadores, buscando identificar como o capital articula inovação, produtividade e projeto educacional.

A pesquisa está fundamentada no referencial marxista e, portanto, busca analisar as relações entre trabalho e educação no contexto da produção contemporânea, caracterizada pela necessidade premente do capital de inovar, ou, como afirmaram Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista, em 1948, “revolucionar constantemente os meios de produção”. O texto é baseado em análise bibliográfica de autores que estudam o mundo do trabalho e a educação do trabalhador, bem como os documentos da CNI que tratam da questão da inovação.

Segundo Harvey (2010), a intensificação acentuada de inovação é um dos fundamentos estruturais da fase atual de desenvolvimento capitalista. O aumento da capacidade de inovação possibilita para um país ou para uma empresa, uma melhor condição de competitividade no mercado internacional, isto porque, entre outros fatores, ela proporciona um salto de produtividade. Este aumento da produtividade na forma de produção da vida na sociedade em voga neste texto, isto é, a sociedade capitalista, significa a ampliação cada vez maior da exploração da força de trabalho. Marx (1989) afirma que a produção capitalista não é simplesmente produção de mercadoria, mas, fundamentalmente produção de mais valia.

Portanto, um projeto educacional que articula inovação e produtividade – no sentido que as caracterizam neste modo de produção vigente - pode significar uma prática pedagógica de “conformação” a exploração.

### **Reestruturação produtiva e suas implicações no processo de trabalho**

Segundo Antunes (1999), depois de um grande período de acumulação de capitais, que ocorreu no período pós-guerra, entre os anos de 1945 a 1973, no apogeu do

fordismo e da fase keynesiana, o capitalismo começou a apresentar sinais de uma grande crise estrutural. Para Harvey (2010), esta crise deixava clara a incapacidade do fordismo e do keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. Segundo ele, as dificuldades deste modelo econômico tinham suas raízes na “[...] rigidez dos investimentos de capital fixo, [...] rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho, [...] [além da] rigidez dos compromissos do Estado” (HARVEY, 2010, p135). Portanto, a superação desta crise exigia necessariamente a flexibilização destas relações. Sendo esta a razão pelo qual Harvey (2010) denomina o novo padrão de acumulação do capital, de acumulação flexível.

Dentre os elementos que constitui, ou, como aponta Harvey (2010), caracteriza este processo de acumulação flexível destaca-se, sobretudo, o aumento intensificado de inovação comercial, tecnológica e organizacional. Estas formas de inovação resultaram em inúmeras transformações no processo de trabalho, e conseqüentemente na formação da força de trabalho.

### **A relação trabalho e a educação no capitalismo contemporâneo.**

No documento, “A indústria e o Brasil: uma agenda para crescer mais e melhor” (CNI, 2010), a inovação aparece com um papel central para o desenvolvimento da produtividade econômica do país. O texto afirma que as empresas brasileiras dependem cada vez mais da capacidade de assimilar e produzir inovações para manterem a sustentação do crescimento e da competitividade, cada vez mais global e acirrada. Segundo Carvalho (1994), o aumento da produtividade, assim como a melhora da qualidade e a conquista de novos mercados, depende crescentemente da capacidade tecnológica de firma e países.

Sob esta nova base tecnológica, característica do capitalismo contemporâneo, as empresas requerem dos trabalhadores uma maior capacidade de abstração, percepção, adaptação e qualidades comportamentais relacionadas com a confiança e a cooperação (CARVALHO, 1994). Assim, o processo de inovação tecnológica requer uma maior participação do trabalho operário, maior envolvimento no processo de produção, tanto em função da capacidade de adaptar-se mais rapidamente às inovações, quanto pelo fato de conhecerem todo o processo produtivo, e poderem através de sugestões, contribuir (cooperarem) para o incremento tecnológico da indústria. O que faz do saber intelectual do trabalhador um importante fator de

competitividade. E, por esta razão, justica-se, para os empresários industriais, o importante papel da educação na formação desta força de trabalho.

Em todas as fases de desenvolvimento do capitalismo, foi necessária uma formação de trabalho adequada para aquele determinado momento histórico. No taylorismo/fordismo, que por quase todo o século XX se mostrou como o processo de produção mais racionalizado, a formação de um novo tipo de homem capaz de se adaptar aos novos métodos da produção, implicou em uma nova perspectiva educacional; tratava de uma perspectiva de articulação de novas competências e novos modos de viver, adequados aos métodos de trabalho caracterizado pela automação, isto é, a ausência de utilização de energias intelectuais e da criatividade no desempenho do trabalho (KUENZER, 2007).

No processo de produção toyotista, caracterizado pela flexibilidade e por uma base tecnológica informacional e microeletrônica, apresentaram-se novas experiências na organização industrial, e conseqüentemente no processo de trabalho; o que implicou em novas propostas de formação da força de trabalho. A proposta é de substituição da estabilidade, da rigidez, pelo movimento e dinamicidade, cabendo à educação o papel de assegurar o domínio dos conhecimentos que norteiam as práticas sociais e a capacidade de trabalhar com ele. Tendo como pressuposto a categoria central da pedagogia da acumulação flexível, que é o desenvolvimento de competências que possibilite aprender ao longo da vida. Isto se justifica pela dinâmica, ou ainda, pela própria materialidade deste regime de acumulação.

### **O papel da educação para a formação do trabalhador adaptado às novas formas de produção de base técnica microeletrônica na perspectiva do empresariado industrial brasileiro**

Para Silva (1994), no processo de produção taylorista/fordista, os anseios da oferta educacional no Brasil proposta pelos educadores e as necessidades da demanda, isto é, do processo industrial, eram conflitantes. A escola única com qualidade igual para todos não se fazia necessária, pois na primeira etapa do processo de industrialização do país foi possível estabelecer um parque industrial razoável, e contar com uma base estreita de mão de obra qualificada aliada a um contingente enorme de trabalhadores com baixa educação e mal preparados para enfrentar desafios mais complexos. Hoje, no entanto, aponta Silva (1994), a realidade se mostra completamente

diferente; as indústrias brasileiras possuem, mesmo que em um nível menor do que alguns países desenvolvidos, uma base técnica com alta tecnologia de produção e informação, o que impõe ao país uma nova condição de competitividade internacional, mediada pelo estabelecimento de um sistema educacional onde tanto a força de trabalho, como o restante da população precisam de, no mínimo, 8 a 10 séries de ensino de boa qualidade.

Ao observarmos esta relação estabelecida entre o papel da educação e o desenvolvimento nacional, conforme pressupõe o documento citado acima, ou ainda, se, relacionarmos os mentores e veiculadores da proposta de educação geral de qualidade, dos quais podemos citar o Banco Mundial, BID, UNESCO, OIT, podemos notar que “[...] tanto a integração econômica quanto à valorização da educação básica geral para formar trabalhadores com capacidade de abstração, polivalentes, flexíveis [...] ficam subordinados à lógica do mercado, do capital e, portanto, da diferenciação, segmentação e exclusão” (FRIGOTTO, 1995, p145).

### **Considerações Finais**

Pretendeu-se com este estudo apresentar os fundamentos da relação da inovação tecnológica no capitalismo contemporâneo e o papel da educação na formação dos trabalhadores neste contexto, buscando identificar como o capital articula inovação, produtividade e projeto educacional.

As inovações tecnológicas de base microeletrônica e informacional exigiram como pressuposto formal, outro tipo de envolvimento do trabalho vivo, o que resulta em nova formação da força de trabalho, isto é, uma mão de obra mais qualificada, capacitada e flexível, capaz de utilizar da sua capacidade de abstração em função deste novo padrão tecnológico.

A análise do discurso empresarial industrial brasileiro sobre a educação básica, nesta nova fase de desenvolvimento capitalista, evidencia que esta “preocupação” com a educação limita-se a capacidade do país de se tornar mais competitivo. Esta competitividade refere-se à introdução de novos produtos, de novos processos e, sobretudo, de novas tecnologias que permitam a diminuição dos custos com a manutenção da força de trabalho. O que implica na exploração de mais valia, tanto absoluta quanto relativa. Logo, um projeto educacional, que tem a ênfase na adaptação da força de trabalho a esta nova base tecnológica, está condicionado, mais

uma vez em todos estes anos de educação institucionalizada, a legitimação e continuidade deste sistema injusto, desigual e degradante.

O projeto educacional proposto pelo empresariado, como estratégia para educação brasileira, inclusive a pública, possui uma concepção de educação que representa os seus interesses, logo, de perpetuação das relações de classe. Portanto, o estudo desta proposta é uma análise fundamental para uma estratégia maior de conscientização para um projeto educacional. Entende-se que a educação tem um papel essencial na transformação social e no desenvolvimento desta consciência.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999. (Coleção mundo do trabalho).

CARVALHO, R. Q. Capacitação tecnológica, revalorização do trabalho e educação. In: FERRETI, C. J. et al (Org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **A indústria e o Brasil**: uma agenda para crescer mais e melhor. Brasília: CNI, 2010.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 17 ed. São Paulo: Loyola, 2010.

KUENZER, A. Z.; ABREU, C. B.; GOMES, C. M. A. A articulação entre conhecimento tácito e inovação tecnológica: a função mediadora da educação. **Revista Brasileira Educação**, Dez. 2007, vol.12, n. 36, p.462-473.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

SILVA, L. H. Novas Tecnológicas. In: CATTANI, A. D. Et al (Org.). **Trabalho e Tecnologia**: dicionário critico. Petrópolis: Vozes, 1997.